

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jumpology:
os cliques saltitantes de Philippe Halsman

Juiz de Fora
Abril de 2013

Angélica Bárbara Simeão

Jumpology:
os cliques saltitantes de Philippe Halsman

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Comunicação Social
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Nilson Assunção Alvarenga

Juiz de Fora
Abril de 2013

Angélica Bárbara Simeão

Jumpology:

os cliques saltitantes de Philippe Halsman

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Nilson Assunção Alvarenga

Trabalho de conclusão de curso aprovado em 01/04/2013 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga (UFJF) – Orientador

Prof. Dr. Afonso Celso Carvalho Rodrigues (UFJF) – Co-orientador

Prof. Ms. Jesualdo de Almeida Castro (UFJF) – Convidado

Profa. PhD Márcia Cristina Vieira Falabella (UFJF) – Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora

Abril de 2013

AGRADECIMENTO

Deus, muito obrigada por este ter sido o primeiro de muitos sonhos realizados. Sei que nada seria possível se Você não estivesse ao meu lado desde o princípio de tudo. Pai, mãe, Érica e Clébinho os agradeço por darem aquela mãozinha em todos esses anos e por seu amor por mim. Essa vitória também é de vocês! Aos meus amigos de infância, adolescência, igreja, cursinho, que fui conhecendo por aí, de Salamanca e de toda parte do Brasil e do mundo: a amizade de vocês me fez uma pessoa melhor. *Doy muchas gracias a mis profesoras de español que añadieron mi amor por la lengua por este tiempo que he tenido en la universidad.* Também agradeço aos meus chefes e companheiros de Forum da Cultura, E. M. Dr. Paulo Japyassu, Proex e Correios pelo aprendizado, auxílio e paciência. Aos professores e funcionários que contribuíram para minha formação e ampliaram meus conhecimentos: obrigada. Nilson, Afonso, Marcinha e Jesualdo: um prazer tê-los em minha banca. Aos modelos da minha sessão fotográfica: o que seria de mim sem os seus *jumps*. Tábata, Tiemi, Carlos, Paola, Maria e Thais (minha Filha-prima) foram quatro anos dividindo momentos felizes e tristes. Aprendi muito com cada um de vocês e me sinto feliz por chamá-los de amigos. Hollywood nos espera!

“Você não tira uma foto, você cria uma foto!”

Ansel Adams

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca analisar a técnica fotográfica *jumpology*, criada por Philippe Halsman, através de quatro imagens de celebridades do mundo do cinema, da política e das artes plásticas que saltaram para suas lentes em diversos momentos, as quais fazem parte de seu livro 'Jump Book', publicado em 1959. Como parte do desenvolvimento do projeto foram realizadas em março de 2013 quatro imagens com personalidades ligadas à área de Comunicação Social, nas quais aplicamos a técnica com o objetivo de aperfeiçoamento e complemento do trabalho. Além disso, abordaremos sobre as celebridades que surgem no imaginário popular como modelos ideais, resultado de como os meios de comunicação os retratam. Ainda faremos uma retrospectiva na história da fotografia, na qual veremos os principais nomes que a moldaram, seus métodos e os passos que se seguiram até chegar à fotografia artística, ramo que inclui as séries de imagens realizadas por Halsman.

Palavras-chave: Jumpology, Philippe Halsman, fotografia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 A FOTOGRAFIA NO DIÁLOGO ENTRE A ARTE E A MÍDIA	10
2.1 A FOTOGRAFIA E SUA HISTÓRIA	11
2.2 A FOTOGRAFIA ARTÍSTICA	20
2.3 CELEBRIDADES SOB O FILTRO DAS LENTES	27
2.4 PHILIPPE HALSMAN E <i>JUMPOLOGY</i>	31
3 A PULOLOGIA EM FOCO	36
3.1 A BONEQUINHA DE LUXO	37
3.2 A LOIRA FATAL	41
3.3 O PIOR PRESIDENTE DOS EUA	44
3.4 O SURREALISMO EM PESSOA	46
3.5 EXPLICAÇÕES METODOLÓGICAS	49
3.6 REVELANDO AS FOTOS	51
4 SALTANDO COM HALSMAN	59
4.1 AS PERSONALIDADES	59
4.1.1 PAULO ROBERTO	60
4.1.2 LETÍCIA TORRES	61
4.1.3 GUSTAVO BURLA	62
4.1.4 MÁRCIA FALABELLA E JOSÉ LUIZ RIBEIRO	64
4.2 O PULO DE CADA UM	65
5 CONCLUSÃO	73
6 REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

O *Jumpology* atrai por apresentar o instante congelado e espontâneo, tornando a imagem graciosa aos olhos de quem a vê. Philippe Halsman, fotógrafo especialista em retratos de celebridades e integrante de revistas famosas, quis inovar – e conseguiu – ao apresentar estrelas de cinema, políticos, realeza, artistas e, até, chimpanzé saltando para suas lentes, mostrando um lado bem distinto daquele que o público estava acostumado a ver. A investigação sobre o significado que Halsman quis ao exibir esta técnica é o principal foco deste trabalho.

Atualmente, na era digital, as notícias chegam cada vez mais rápido. Os veículos de comunicação se engalfinham pela divulgação em primeira mão de um acontecimento. Com as fotografias não é diferente, porque elas se tornam a prova concreta de que o fato realmente ocorreu.

Em meio a isso, a curiosidade sobre o “lado humano” das celebridades desperta o interesse de profissionais e anônimos, obcecados em capturar cada passo, cada ato destes olímpicos. E se for um momento inusitado, melhor! A face humana encantava Halsman. A humanidade desses famosos chamava sua atenção não para ridicularizá-las, mas para que o público pudesse conhecer, por meio do pulo, a personalidade que se escondia por baixo do seu título.

Para compreendermos o burburinho que o *jumpology* provoca, mergulharemos na história da fotografia e de seu vértice artístico que possibilitou a criatividade dos profissionais na imagem, mesmo com o olhar desconfiado de pintores e amantes da pintura que viam como ameaçadora a nova invenção.

No primeiro capítulo, veremos as experiências que conceberam a arte e falaremos dos responsáveis e da contribuição que cada um ofereceu para a fotografia, de acordo com Pierre-Jean Amar. Além de assistirmos ao surgimento do ramo da técnica segundo James A. Folts, Ronald P. Lovell, Fred C. Zwahlen Jr, Julie Hacking, e David Campany, no qual as ideias inusitadas, simples e críticas tinham lugar. Conheceremos também o fascínio em fotografar os olímpicos e o criador (Philippe Halsman) e sua criatura (*jumpology*).

Já no segundo capítulo, Martine Joly nos auxilia a examinar os saltos de Audrey Hepburn, Marilyn Monroe, Richard Nixon e Salvador Dalí e descobriremos sua verdadeira face. Mas antes, conheceremos a história de cada um: sucessos, fracassos e influências.

Para finalizar a pesquisa, faremos a aplicação do *jumpology* com pessoas conhecidas do ramo da Comunicação Social. De igual modo feito com as imagens do fotógrafo, examinaremos os pulos e descreveremos as três fases do trabalho prático: pré-produção, produção e pós-produção.

O presente estudo visa oferecer o entendimento que a fotografia não será o resultado óbvio do momento em que o disparador é acionado. Mostrará que as ideias excêntricas podem ser postas em papel.

2 A FOTOGRAFIA NO DIÁLOGO ENTRE A ARTE E A MÍDIA

A fotografia artística proporciona diferentes sentimentos no espectador. É a vértice da técnica que propõe sair do comum, não se limitando a ser apenas o retrato fiel da realidade. O resultado do casamento entre a arte e a mídia.

Os adeptos deste estilo quiseram ir além do simples “click” da câmera. Utilizaram sua criatividade para dar forma a imagens com conceitos e histórias. Arlindo Machado (2004, p.6) diz:

A artemídia, como qualquer arte fortemente determinada pela mediação técnica, coloca o artista diante do desafio permanente de, ao mesmo tempo em que se abre às formas de produzir do presente, contrapor-se também ao determinismo tecnológico, recusar o projeto industrial já embutido nas máquinas e aparelhos, evitando assim que sua obra resulte simplesmente num endosso dos objetivos de produtividade da sociedade tecnológica.

Assim, percebemos que a imagem é fruto do aparato técnico, mas não podemos esquecer que também é resultado das escolhas do profissional que a realiza.

Smartphones, iPads, celulares têm servido para congelar um momento e, atualmente, registrar cada passo dado e postá-los em redes sociais. É como se confirmássemos nossa existência, por meio das funções dessas tecnologias e, como prova disso, temos a imagem de determinada situação.

Deixamos de rememorar através dos álbuns de “carne e osso” e transportamos nossa lembrança para álbuns virtuais, nos quais guardamos dezenas de imagens, fruto de milhares registradas, guardadas nas pastas de computadores. Denise Fraga afirma que “cercados de imagens por todos os lados, vamos nos acostumando a ver a vida através dos cliques e à cada vez mais rara sensação de plenitude” (FRAGA,

2012). Assim, torna-se mais difícil saber a história que há por trás de cada fotografia. As lembranças e a sensação de ter a imagem palpável ficam perdidas.

Mesmo diante deste cenário, a fotografia tem se reinventado desde sua origem por meio do olhar criativo, peculiar e curioso que os fotógrafos têm empregado.

2.1 A FOTOGRAFIA E SUA HISTÓRIA

A história da fotografia é composta por diversos nomes e processos que surgiram séculos antes e que contribuíram para seu aparecimento. Em 1544, Giovanni Battista Della Porta (1538-1615) traz ao mundo o conceito de câmera escura em seu livro ‘Magia Naturallis’. O objeto consistia na projeção de uma imagem externa invertida na parede interna oposta. Em sua obra, Della Porta a descrevia como sendo de tamanho humano, sendo necessário entrar para utilizá-la. Num período anterior, o filósofo Aristóteles já havia usado para observar um eclipse solar. Leonardo da Vinci irá compará-la ao funcionamento do olho humano. No século XVII, torna-se portátil e passa a ser empregada em trabalhos científicos. “Os cientistas servem-se da câmera obscura para diversas observações, nomeadamente em astronomia, como o faz Kepler, mas muitos artistas também a utiliza” (AMAR, 2011, p.13).

Diversos elementos fizeram parte dos fenômenos físico-químicos que tentavam fixar a imagem. Na Idade Média, o alquimista Albert Le Grand (1193-1280) comenta sobre o escurecimento dos sais de prata expostos à luz. Cerca de quinhentos anos depois, Heinrich Schulze (1687-744) desenvolve fotogramas de letras recortadas e os designa como “escotóforos” (que traz as trevas). Em seu método, as letras eram

sobrepostas em frascos com cré¹ encharcada de cloreto de prata e ácido nítrico. O suíço Senebier (1742-1809) e o italiano Giacomo Beccaria (1716-1781) fizeram experimentos ligados a sensitometria², porém foram práticas que não obtiveram resultados.

Anos mais tarde, os ingleses Thomas Wedgwood (1771-1805) e Humphrey Davy (1778-1829) publicam o livro ‘Ensaio de um Método para Copiar os Quadros de Vidro e para Fazer Perfis pela Ação da Luz sobre o Nitrato de Prata, Inventado por Thomas Wedgwood, com Observações de Humphrey Davy’. Nele, os autores divulgaram as experiências bem-sucedidas que conseguiram com fotogramas de objetos ou de perfis em superfícies de papel ou de couro claro impregnadas de sais de prata. No entanto, os dois abandonaram seus experimentos por causa do fracasso em conservar as imagens. Essas alteravam em presença de luz e só podiam ser observadas em penumbra.

A partir de 1816, a fotografia consolida-se a partir do surgimento de cinco grandes inventores, com suas criações e substâncias.

- Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833): o físico francês será inventor, juntamente com seu irmão Claude, de criações como o motor de explosão e o pireolóforo. Em 1816, por meio de cartas, comenta com Claude sobre seus experimentos para obtenção de desenhos por ação da luz. Centraliza seus estudos na reprodução de gravuras transformadas em translúcidas através do verniz e de imagens com o auxílio da câmara escura. Niépce obtém uma figura negativa, mas fica insatisfeito por ela não ser permanente. Seis anos depois, descobre como fazer uma cópia positiva “pela exposição de uma placa de vidro coberta com uma substância parecida com asfalto” (FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN Jr, 2007, p.374). A esse processo deu o nome de heliografia. Seguindo e aperfeiçoando com sua técnica, a

¹ Calcário formado por despojos foraminíferos, radiolários, corais, etc., que se encontra misturado sobretudo com argila

² Medida da sensibilidade de emulsões fotográficas

primeira fotografia é registrada³ (figura 1). Também é a primeira imagem permanente feita com uma câmera, com exposição de, no mínimo, 8 horas.

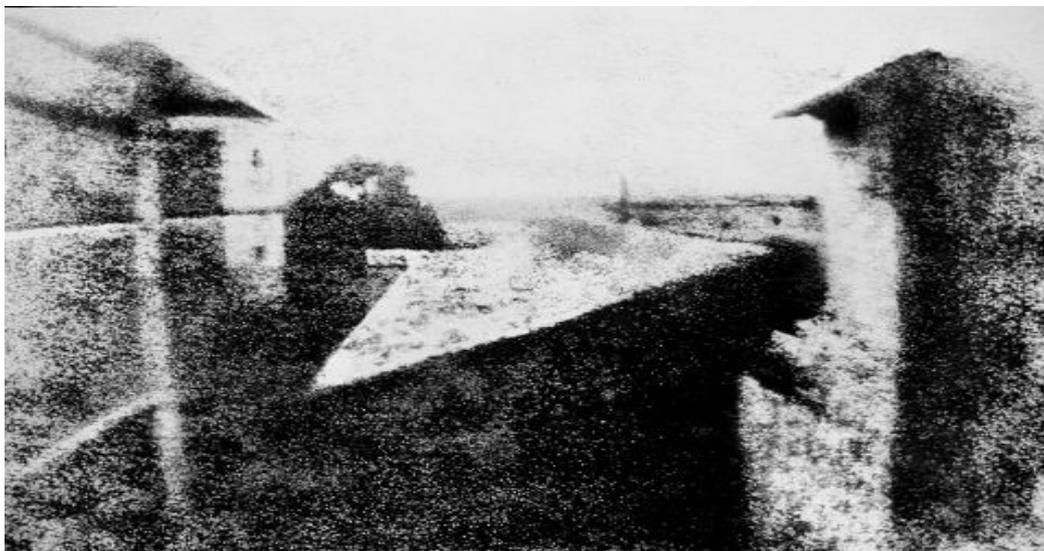


Figura 1 – A primeira fotografia feita por Joseph Niépce

- Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851): o pintor parisiense forma sociedade com Niépce em 1829. Anteriormente, usa a câmera escura para desenhar cenários de seu espetáculo de diorama - no qual as telas pintadas dão a ilusão do real com o auxílio de jogos de luz. Por meio de um contrato, Niépce “abre mão de seu invento” para seu sócio. Com o intuito de conseguir uma imagem positiva, Daguerre faz experimentos com a prata mesmo com a descrença de seu companheiro. Ao sensibilizar uma placa de metal de prata com gás de iodo sob a luz, revelando a imagem com gás de mercúrio e a fixando com uma solução de sal concentrado, o francês atinge seu êxito. Niépce morre em 1833, e Daguerre nomeia seus trabalhos de daguerreótipos, por julgá-los diferentes das imagens realizadas por seu antigo sócio. Duas evoluções importantes que Daguerre conseguiu foram a rapidez no tempo de exposição, de horas

³ Há divergências sobre o ano de seu registro. Alguns autores datam o ano de 1822, outros de 1826

passou-se para uma hora ou, até mesmo, quinze minutos e o aperfeiçoamento na qualidade da imagem, devido a melhores ópticas.

- Henri Fox Talbot (1800-1877): o inventor inglês começa a utilizar a câmera escura com o objetivo de captar imagens. Inicia experimentos com sal de cozinha, em 1834 – alheio aos descobrimentos de Niépce e Daguerre. Em 1835, realiza seu primeiro negativo com uma câmera e tenta uma imagem positiva colocando o papel negativo entre papéis fotossensíveis e o expõe à luz. Quatro anos depois, anuncia seu processo e o batiza de calotipia. Também utiliza, pela primeira vez, a palavra fotografia (escrever com a luz). Prossegue na melhoria de sua técnica e, logo depois, reduz o tempo de exposição para dez segundos. Uma das grandes contribuições de Talbot foi o negativo-positivo que possibilitou a revelação da imagem latente e a reprodução de imagens.

- Hippolyte Bayard (1801-1887): o funcionário francês estimulado pelas investigações de Daguerre alcança imagens positivas com aparência de desenho com papel sensibilizado. Em 1839, antes do anúncio do daguerreótipo, Bayard é responsável pela primeira exposição fotográfica na história com cerca de trinta imagens. Em 1840, a Academia das Belas Artes proclama que seus trabalhos são superiores que os de Daguerre.

- Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1887): Hércules Florence, como ficou conhecido, nasceu na França, mas veio para o Brasil em 1824. O franco-brasileiro participou da expedição do barão Georg Heinrich von Langsdorff que percorreu o interior do Brasil entre os anos de 1825 a 1829. Como desenhista, Florence detalhou em seu diário informações sobre os costumes, hábitos, a flora e a fauna do nosso país. Após a excursão, estabeleceu-se na vila de São Carlos (atual Campinas), onde se casou. Buscando um novo sistema de reprodução, Florence cria um sistema de

impressão simultânea de todas as cores primárias e o chama de poligrafia. Em 1832, faz uma nova invenção ao descobrir um meio de fixar imagens através da luz. O processo é batizado com o nome de fotografia. Utilizando chapa de vidro em uma câmera escura, o inventor conseguia que a imagem fosse passada por contato para um papel sensibilizado. Conforme seu diário, ele foi o primeiro a usar a técnica matriz: negativo/positivo. No entanto, ao saber das pesquisas de Daguerre, abandona suas investigações. Sobre isso, Florence escreveu

“A fotografia é a maravilha do século. Eu também já havia estabelecido os fundamentos, previsto esta arte em sua plenitude. Realizei-a antes do processo de Daguerre, mas trabalhei no exílio. Imprimi por meio do sol sete anos antes de se falar em fotografia. Já tinha lhe dado este nome; entretanto, a Daguerre todas as honras.”⁴

Ao longo dos anos muito se discutiu sobre o status de arte dado à fotografia. Até então utilizada como auxílio em estudos científicos ou artísticos, a identidade fotográfica incomodou por ameaçar o tradicionalismo das belas artes. A sociedade da época era dividida simbolicamente em dois grupos: “cavalheiros” e “operários”. Acreditavam que os membros do primeiro eram responsáveis em criar baseados em seu intelecto e ideias. Já os do segundo, produziam a partir de sua força sem necessitar de sua imaginação. A fotografia nada mais era que a consequência de um empreendimento tecnológico, o qual congelava aquilo que se via intimidando assim a ordem social vigente. Críticos faziam coro ao afirmar que ela não poderia ser elevada ao status de arte, por causa do seu processo mecânico.

Havia aqueles que enxergavam a técnica como mais um modo na produção artística, juntamente com o pincel e o lápis. É evidente que também existiam os dispostos a provar seu nível artístico, sem medir esforços, com registros que

⁴ <http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografia-brasil-hercules-florence.htm>

estimulavam a mente. Sobre isso, Marta Weiss comenta que “era importante demonstrar aos críticos como a imaginação e a idealização poderiam ser expressas fotograficamente” (HACKING; CAMPANY, 2012, p.113). Uma imagem que evidencia essa ideia foi ‘Two ways of life’ (Figura 4), de Oscar Gustave Rejlander (1813-1875).

A reprodução de cenas alegóricas, históricas ou literárias também era comum na construção da fotografia como arte. Henry Peach Robinson (1830-1901) se valia de fotografias compostas – método em que era utilizado mais de um negativo para realizar a imagem – durante sua carreira. Robinson acreditava que a fotografia poderia ser classificada como arte pictórica, no instante em que artistas entendessem acerca das regras de composição e iluminação. Em sua imagem ‘Desvanecimento’ (Figura 2), presenciamos os últimos momentos de uma jovem em seu leito. Num primeiro olhar, a cena parece encenada. No entanto, era real. A posição das cortinas, o estado debilitado da moça tuberculosa observada por outras duas mulheres e o homem de costas dão crédito à teatralidade da imagem.



Figura 2 – Desvanecimento por Henry Peach Robinson

Características técnicas como a nitidez da informação visual e a qualidade de impressão eram os meios com que fotógrafos comerciais usavam para mostrar a superioridade de suas imagens. Com isso queriam demonstrar que a fotografia era arte do real. Rejeitando esses pensamentos, fotógrafos amadores como Julia Margaret Cameron (1815-1879) acreditavam que podiam registrar mesclando “combinações complexas de imaginação e realidade” (HACKING, 2012, p.11). Em suas imagens, Julia empregava foco diferencial, fantasias e objetos cênicos (Figura 3).



Figura 3 – Ainda um pouco por Julia Margaret Cameron

“Sua convicção de que estava transformando a fotografia em arte era tão audaciosa, e sua prática idiossincrática, tão afrontosa às aspirações modestas das obras exibidas nas exposições das sociedades fotográficas, que ela foi rotulada pela comunidade fotográfica como uma pobre excêntrica incapaz de utilizar os equipamentos que tinha nas mãos” (HACKING, 2012, p.11).

A exibição das imagens em exposições também foi uma das maneiras encontradas para que a técnica pudesse afirmar sua identidade artística. Porém, isso nem sempre era bem visto. Em 1862, fotógrafos protestaram diante da decisão dos organizadores da Exposição Internacional de Londres em colocar os registros na seção de equipamentos mecânicos ao invés de figurar a seção de obras de arte. Diante disso, para que não houvesse maior confusão quanto sua classificação, as imagens ficaram expostas na seção “outros trabalhos”.

Os registros e ilustrações foram considerados como obras artísticas tempos depois, mesmo que não tenham sido realizados com este objetivo. A aceitação do lado subjetivo da técnica viria no século XX com o pictorialismo.

O próprio conceito de arte carrega consigo o significado de “utilização da capacidade, com vista a um resultado que pode ser obtido por meios diferentes”⁵. Percebemos que discutir sobre ele será uma tarefa árdua, mas vemos que a fotografia se encaixa nele. De maneira distinta ela é capaz de reproduzir mundos desconhecidos, expressões despercebidas, bichos curiosos, cenários de guerras “reais ou não”.

Longo foi o caminho que percorreu para que entendessem sua identidade no campo artístico. E isso abriu as portas para que o ramo da fotografia artística nascesse e revelasse aos espectadores suas ideias mirabolantes.

⁵ Dicionário Aurélio

2.2 A FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

As paisagens e os acontecimentos eram os temas comumente registrados pelas câmeras. Boris Kossoy (1989, p.15) diz que “a expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara”. Assim, percebemos que os elementos do cotidiano dos indivíduos era uma motivação para fotografar. Com a técnica se aperfeiçoando, as pessoas passaram a ter conhecimento daquilo que se ouvia ou se lia. O interesse pelo estrangeiro, pelo estranho despertou a curiosidade. Logo, o desenvolvimento da indústria gráfica permitiu que nações e pessoas se “tornassem” portáteis e ilustradas.

Aos poucos, a fotografia recebe a inserção de elementos de outra técnica: a pintura. Percebemos o começo dessa influência nos retratos. Amar comentará que o retrato fotográfico terá elementos parecidos com o da pintura.

“Estes daguerreótipos são caracterizados por poses convencionais imitadas da pintura, em que as personagens têm sempre uma expressão séria, interiorizada devido à duração da exposição que é de vários segundos. Frequentemente em pose frontal, como bustos ou em plano americano, os retratados olham para o fotógrafo e, portanto, para o espectador” (AMAR, 2011 p.47).

Amar (2011, p.69) ainda afirma que as duas técnicas “sempre tiveram destinos paralelos, conflituosos e complementares”. Talvez esta relação de “amor e ódio” esteja relacionada ao fato de ambas terem o mesmo objetivo: retratar a realidade. Nesse embate, a fotografia sai como vencedora, por se aproximar mais do real. Mesmo assim, ela contribuirá para a arte pictórica através da ampliação de sua visão e enquadramento.

Um dos precursores no uso da arte na nova técnica foi Rejlander. Com sua obra ‘Two Ways of Life’, o sueco buscou mostrar uma imagem no estilo da pintura que encenava a dicotomia entre o mundo do dever e do prazer. Para compô-la, Rejlander utilizou trinta negativos de fotografias tiradas de duas a três pessoas por vez. No entanto, essa aproximação com a pintura não foi bem vista por alguns que acreditavam que a fotografia “não precisava imitar nada para se tornar uma forma legítima de expressão artística” (FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN Jr, 2007, p.380).



Figura 4 – ‘Two Ways of Life’ por Oscar Rejlander

Peter Henry Emerson (1856-1936) surge com ideias que recusam a ampliação e o retoque da imagem e defende a leve imprecisão da fotografia que causava uma melhora na percepção, bem como a impressão de papel de platina, por acreditar que era mais artístico. As teorias de Emerson influenciarão o norte-americano Alfred Stieglitz (1864-1946) na virada do século XIX. Stieglitz será o pioneiro no movimento pictorialista nos Estados Unidos que preconizava os temas cotidianos. A manipulação de combinações era proibida, porém no momento da ampliação era permitido. Os pictorialistas acreditavam que esse processo exaltava “uma cópia feita mecanicamente a

um objeto de arte feito à mão” (FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN Jr, 2007, p.380). Alterar a granulação e os tons, modificar e suprimir elementos eram os métodos utilizados para aproximar a fotografia da pintura. Isso fez com que os pintores se preocupassem e procurassem desempenhar métodos que a máquina fotográfica não poderia alcançar.

Acredita-se que o pictorialismo perde força devido ao início da I Guerra Mundial. É importante salientar que este processo contribuiu para um maior reconhecimento da fotografia como produção artística. Nomes como Edward Steichen e Clarence White também ilustraram este movimento.

O interesse em aprofundar no sentido da imagem, como se estivesse invadindo a alma, fez com que alguns profissionais recorressem a fotografias que causassem emoção no espectador.

A equivalência havia sido sugerida por Stieglitz, vários anos antes, e em seus últimos anos ele fez várias fotografias abstratas de nuvens, que ele chamava de equivalentes. Muitos outros fotógrafos também expandiram os ideais da fotografia direta para incluir visões do mundo mais pessoais e, talvez, menos objetivas” (FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN Jr, 2007, p.384).

O francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004) terá importância neste novo segmento. Suas fotografias exibem o “observar das pessoas, no seu cotidiano e nas circunstâncias excepcionais da vida” (TAVARES, 2009, p.122). Pessoas anônimas em situações comuns atraíam o olhar de Cartier-Bresson que as congelava transformando o mais simples ato em extraordinário. Exemplo disso é a imagem do garoto caminhando com orgulho pela capital francesa segurando duas garrafas (Figura 5). De acordo com Antônio Luís Marques Tavares (2009, p.122), o fotógrafo mostrava que “o resultado da arte fotográfica não estava na máquina, mas sim no olho do fotógrafo que, de forma subjectiva, percebe⁶ determinado momento e o captura”.

⁶ Perceber, do português lusitano



Figura 5 – Rue Mouffetard, Paris por Henri Cartier-Bresson

Outra fotografia que segue essa linha é Diane Arbus (1923-1971). Através de suas imagens, Diane procurava analisar o limite entre o que concebemos ser normal ou não. De acordo com o site ‘Revista da Cultura’, cada imagem dela “era um mergulho no que havia de mais íntimo nos seus personagens”. Artistas circenses, pessoas com incapacidade mental e travestis eram seus protagonistas, além de famílias e crianças consideradas “normais”. A “fotógrafa dos *freaks*” exibia a beleza de tipos que não temiam ser retratados como ridículos, pois já estavam acostumados com este rótulo (figura 6).



Figura 6 – Child with Toy Hand Grenade in Central Park por Diane Arbus

A análise da criação de significados inquieta os pós-modernistas. Na maioria das vezes, fotografaram mulheres e minorias, por causa da constante marginalização dos meios de comunicação. Cindy Sherman (1954-presente) e Barbara Kruger (1945-presente) são exemplos de fotógrafas pós-modernistas que evidenciarão este conceito. A primeira realizou a série ‘Untitled Film Stills’, no qual ela mesma posa como mulheres em quadros semelhantes a filmes “B” (figura 7). Por meio delas, Cindy queria que refletíssemos sobre a “realidade” que nos é passada pelos meios.



Figura 7 – Untitled Film Still #15 por Cindy Sherman

Já Barbara utiliza suas imagens para observarmos padrões e princípios que aplicamos em nós mesmos. Suas fotografias foram feitas em forma de anúncios com mensagens subliminares transmitidas pela mídia (figura 8).

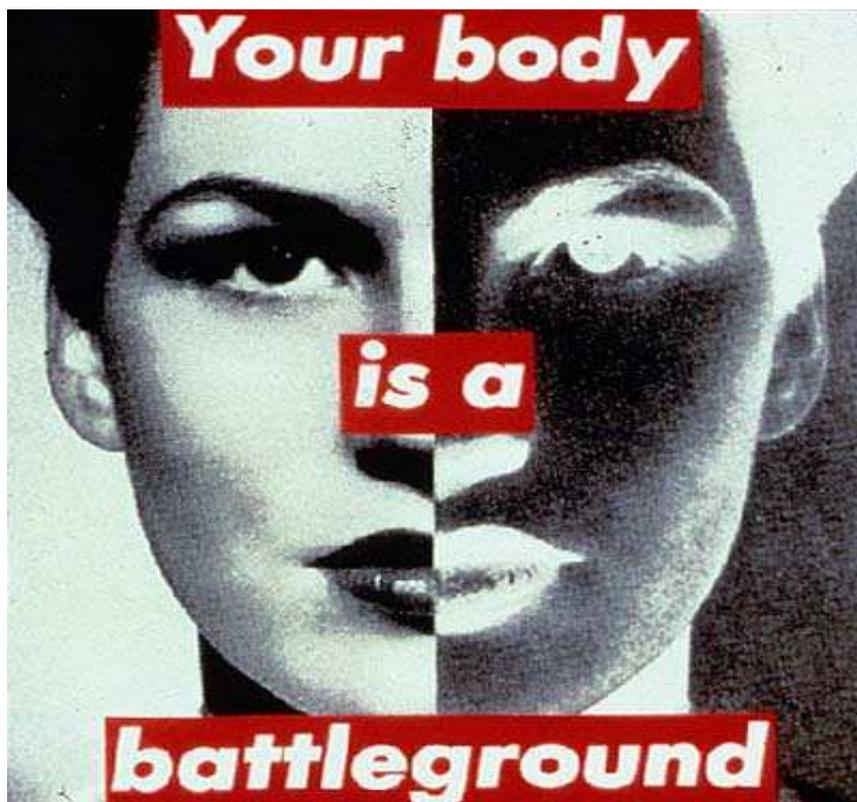


Figura 8 – Untitled por Barbara Kruger

Esses fotografos têm em comum trazer à luz aquilo que, aparentemente, passaria despercebido pelo nosso olhar. Sobre isso, Barthes (2011, p.43) afirma que “em um primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa”.

2.3 CELEBRIDADES SOB O FILTRO DAS LENTES

Celebridade. Um dos significados encontrados no dicionário Aurélio é “pessoa célebre”. Ao buscarmos o significado de célebre nos deparamos com três sinônimos condizentes: “que tem grande fama, muito notório, notável”. Não importa a idade, o sexo ou a religião, as celebridades causam fascinação no mundo inteiro.

Edgar Morin os chamou de olímpianos: indivíduos que são semideuses, possuindo tanto natureza imortal quanto mortal. São uma espécie de projeção, de ideal para àqueles que os contemplam. “Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar. (...) Encarnam os mitos de autorrealização da vida privada” (MORIN, 2007, p.107).

O autor os classificou em quatro tipos: os de origem cinematográfica (astros), os de função sagrada (realeza, presidência), os de trabalhos heroicos (campeões exploradores) ou eróticos (*playboys, distels*). A admiração pelos olímpianos vai além de seus talentos ou feitos, ultrapassa o limite entre seu “eu-famoso” e seu “eu-pessoa”. O papel que os meios de comunicação exercem para elevar alguém ao “Olimpo” é importante. É através deles que sabemos sobre os casamentos, nascimentos, traições, sucessos e fracassos. “A informação transforma esses olímpicos em vedetes da atualidade” (MORIN, 2007 p.105). E as fotografias são provas de todos esses momentos e nos faz participantes de cada detalhe.

O fotógrafo Félix Nadar (1820-1910) foi um dos primeiros a registrar as celebridades do século XIX como o poeta Charles Baudelaire e o pintor Eugène Delacroix. Logo depois, o alemão Erich Solomon (1886-1944) realizava imagens de

celebridades na década de 20 e foi o precursor da fotografia cômica, na qual as pessoas não apareciam posadas para as lentes, buscava o flagrante e exibir as pessoas em poses naturais (figura 9). Como fatores que contribuíram para a aproximação dos profissionais a círculos sociais, citamos a “substituição do malcheiroso *flash* de magnésio pelo eletrônico e a invenção das câmeras de médio e pequeno formato” (BITTENCOURT, PERSICHETTI, 2010, p.104).



Figura 9 – Recepção no Ministério dos Negócios Estrangeiros por Erich Solomon

Na década de 50 se popularizou na Itália os *paparazzi*. Estes fotógrafos registravam imagens não autorizadas dos famosos. Existem até hoje expondo escândalos e aumentando o interesse do público. “Por algum motivo, os mortais adoram ver seu panteão⁷ em situações de constrangimento” (BITTENCOURT, PERSICHETTI, 2010, p.106). Em julho de 2012, o público soube do caso de traição entre a atriz norte-americana Kristen Stewart e o diretor Rupert Sanders (figura 10). A revista ‘US

⁷ Templo arredondado que, na Grécia e na Roma antigas, era dedicado a todos os deuses

Weekly' divulgou fotos feitas por *paparazzi* de encontros secretos dos dois que culminou em separações - de curta duração - de seus respectivos parceiros.



Figura 10 - Kristen Stewart e Rupert Sanders por FameFlynet Pictures

Os profissionais não se limitam às “fotografias-escândalos”, mas continuam registrando os artistas no tapete vermelho em premiações ou em situações cotidianas. Sobre este último, citamos a revista ‘Quem’. Os olímpianos dão o ar da graça e desde o espaço publicitário até a última página que traz citações dos mesmos. Com a seção ‘Eles são como nós’, o periódico tenta humanizar os artistas em atitudes que, normalmente, os mortais fariam. Na edição 638, são apresentadas cinco situações comuns protagonizadas por famosos (figura 11):

- Rodam crianças no ar: mostra a atriz Mariah Rocha brincando com o filho na praia;

- Brincam de casinha com a filha: o ator e apresentador Otaviano Costa brinca com a filha num shopping;
- Esticam-se para beijar sobre a mesa: os atores Vladimir Brichta e Adriana Esteves beijam-se numa praça de alimentação;
- Passam protetor solar: o ator José Loreto passa o protetor numa praia carioca;
- Seus cachorros brigam na rua: os animais de estimação do ator Marcelo Novaes e da dançarina Adriana Bombom brigam no calçadão do Rio de Janeiro.

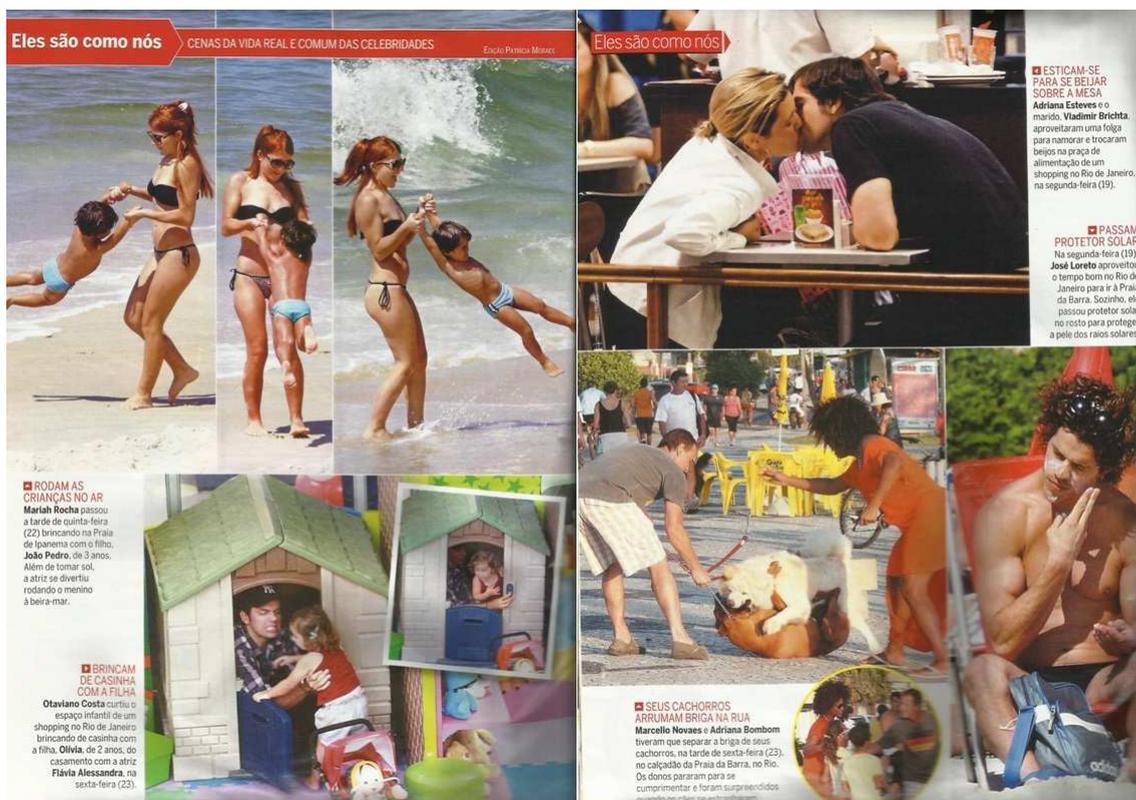


Figura 11 – Seção ‘Eles são como nós’, revista ‘Quem’

Sobre isso, Morin (2007, p. 106-107) diz que “a imprensa de massa, ao mesmo tempo em que investe os olímpicos de um papel mitológico, mergulha em suas

vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação”. Além de criar essa aproximação, percebemos que a preocupação desses fotógrafos não é com o enquadramento, nem com o tipo de luz ou com a estética em si. Sua atenção se volta ao flagrante, ao ato “incomum” dos olímpianos, sejam estas situações recreativas ou vexatórias. De longe, estas imagens fazem lembrar a fotografia cândida de Solomon.

2.4 PHILIPPE HALSMAN E *JUMPOLOGY*

"Das milhares de pessoas, celebradas e desconhecidas, que se sentaram na frente de minha câmera, frequentemente sou perguntado a respeito de qual foi o sujeito mais difícil, mais fácil, ou qual fotografia é a minha favorita. A última pergunta é como perguntar para uma mãe que filho ela gosta mais."
(Philippe Halsman)⁸

O “homem com cem capas *Life*”, o “criador dos pulinhos”. Estamos falando de Philippe Halsman (1906-1979), o fotógrafo que inovou o mundo fotográfico com sua série de fotos de pessoas saltando. Sua carreira inicia-se em Paris em 1928, como fotógrafo de moda e retratos e colaborador da revista ‘Vogue’. À frente da direção de arte da revista fez transformações nas imagens. Antes disso, estudou eletrotécnica na Alemanha.

De origem letã e judia, Halsman vivenciou um período trágico em sua vida. Foi acusado de assassinar seu pai, Morduch, e passou quatro anos preso. Morduch caiu e morreu durante uma excursão nos Alpes suíços. A falta de provas e o antissemitismo da época contribuíram para tal acusação. O crime nunca foi esclarecido, mas durante o tempo que passou na prisão, recebeu apoio de pessoas famosas, como dos alemães o

⁸ <http://www.lomography.com.br/magazine/lifestyle/2012/04/30/os-melhores-dos-melhores-philippe-halsman>

escritor Thomas Mann e o físico Albert Einstein. A mudança para a capital francesa foi a condição para que não voltasse à Suíça.

Nos anos da II Guerra Mundial, o exército de Hitler começa a invadir a França e Halsman é obrigado a se mudar novamente. Com o auxílio de Einstein, parte para os Estados Unidos, onde tem sua carreira consolidada.

A amizade com o pintor surrealista Salvador Dalí rendeu vários trabalhos criativos. “Foram trinta anos de parceria em diversos projetos nos quais o fotógrafo transcreveu as ideias do pintor, na linguagem de seu próprio meio artístico”⁹. O resultado mais notório dessa parceria foi a obra ‘Dalí atomicus’ (figura 12).



Figura 12 – Dalí atomicus por Phillipe Halsman

Para realizá-la, foi necessário que a esposa de Halsman segurasse a cadeira, seus assistentes jogassem os gatos e a água e que Dalí pulasse (várias vezes). Foram 28 tentativas em seis horas para a concretização do projeto (figura 13).

⁹ La fotografía del siglo XX- Museum Ludwig Colonia, 2007, p. 222

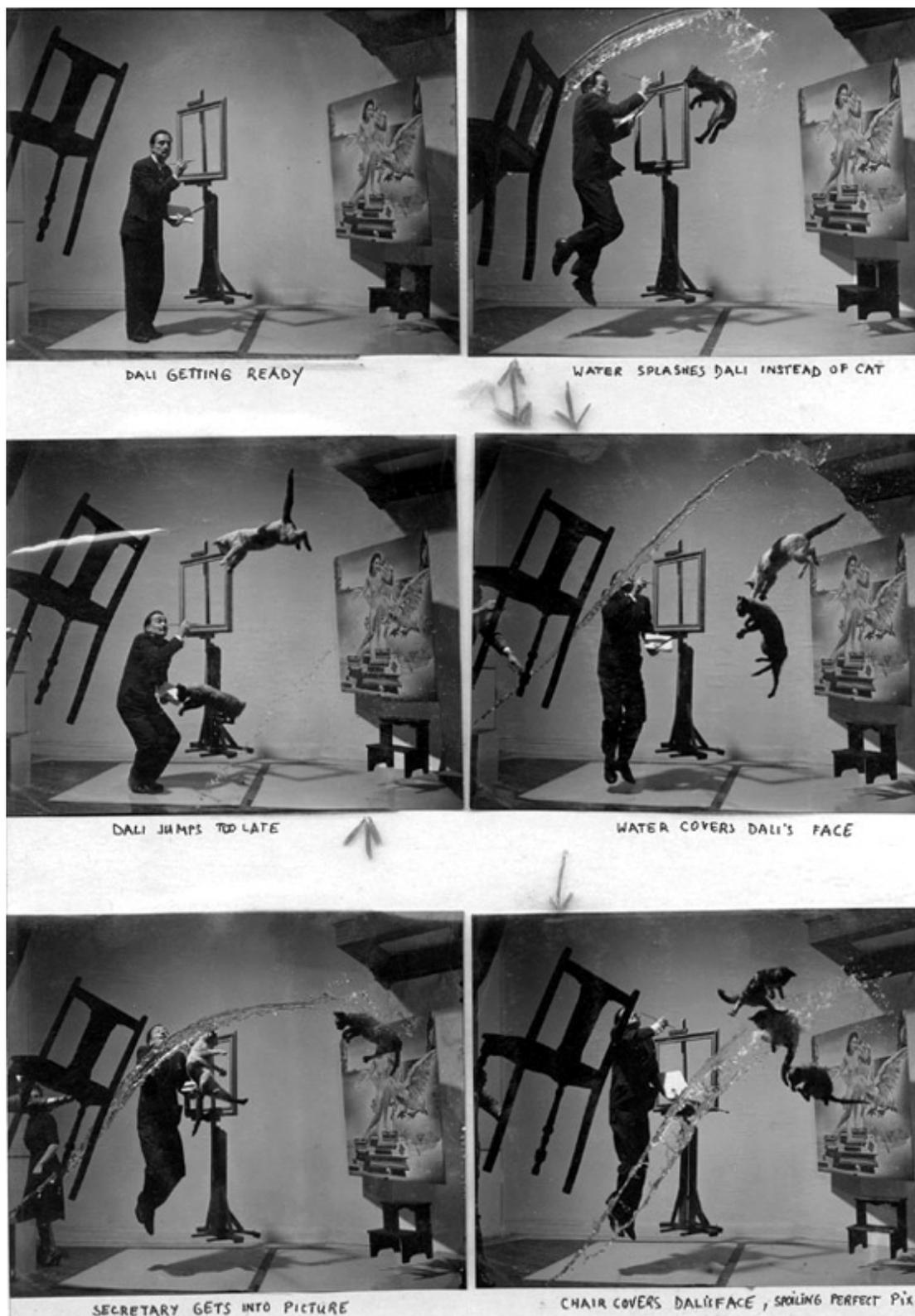


Figura 13 – As tentativas de 'Dalí atomicus' por Phillippe Halsman

Em 1942, começou a trabalhar na revista ‘Life’ e fotografou inúmeras celebridades como Lauren Bacall, Vivien Leigh e Laurence Oliver. No periódico conseguiu alcançar o feito de estampar 101 capas tendo como modelos atores, políticos, artistas e realeza (figura 14). O site ‘Lomography’ afirma que

“o estilo fotográfico de Halsman era agraciado por sua nada usual e estranha imaginação e era alimentado pelo seu esquisito conhecimento tecnológico. Ele tinha um eterno fascínio com a face humana, motivo de sua incomparável série de fotografias de retrato”.



Figura 14 – Retratos que ilustraram a capa da revista Life fotografadas por Philippe Halsman

Foi após as sessões que Halsman deu início a sua técnica *jumpology*. A reunião dos saltos deu origem a seu livro 'Jump Book', lançado em 1959 com 178 imagens. Os duques de Windsor, o ex-presidente Richard Nixon (na época, vice-presidente) e atores como Audrey Hepburn, Sophia Loren, Brigitte Bardot, Grace Kelly, Dean Martin, Jerry Lewis e Marilyn Monroe ilustraram as páginas de sua obra.

O fotógrafo acreditava que ao saltar o cérebro se desligava e a pessoa passava a não se concentrar em sua expressão. Assim, o indivíduo apresentava sua "verdadeira face". Provavelmente, o sucesso do projeto deve-se ao fato de que o artista tenha buscado "revelar" estes indivíduos que, aos olhos do público, são como deuses: imortais, poderosos e intocáveis.

Com esta proposta, Halsman exibia mais um lado dos rostos que figuravam no cinema, no cenário político e no luxo da realeza. O resultado foi, além dos saltos tímidos, divertidos e excêntricos, a transparência de pessoas tão habituadas a lidar com o imprevisto dos *paparazzi* ou com a sofisticação dos grandes eventos.

3 A PULOLOGIA EM FOCO

Saltos pequenos, grandes, estranhos, sinceros, tímidos, descontraídos. Quando Halsman pedia às personalidades para pular, cada um reagia de uma forma e de acordo com seu jeito e limitação. Os diferentes resultados proporcionaram a existência da sua técnica, o *jumpology*.

A ideia de ter pessoas pulando não tem nada de especial. O que podia causar o seguinte pensamento “o que tem de interessante?”. Em artigo do ‘The New York Times’, Roberta Smith diz que as imagens têm algo que provoca risos ou sorrisos, independente de quantas vezes as contemplam. “Elas podem oferecer provas incontestáveis da reivindicação de Schiller, 'de que toda a arte é dedicada à alegria'. Evidentemente que o simples ato de sair do chão necessita dar alegria a algo. Você tem que deixar ir” (SMITH, 2010 – tradução livre). As imagens de Halsman tinham essa graciosidade presente ao exhibir pessoas em momento descontraído, diferente do *glamour* do tapete vermelho das premiações ou da pompa de cerimônias oficiais.

O lado psicológico que envolvia o método deu um ar misterioso e curioso ao *jumpology*. De acordo com Halsman “quando você pede para uma pessoa para pular, sua atenção está mais para a ação, então suas máscaras caem e o verdadeiro eu aparece”. No blog ‘Alfonso Lopez’ ainda diz que “o cérebro deixa de controlar a expressão do rosto para dedicar à ação do salto” (tradução livre).

O *jumpology* nasceu na época do ‘*Action Painting*’, técnica pictórica na qual os pintores realizavam suas obras por meio de gestos “coreografados” e buscavam expressar a intensidade e intencionalidade estética que o ato de pintar possuía. Eles queriam passar ao público esta ação livre sem os limites intelectuais. Da mesma forma,

Halsman nos exibiu seu próprio estilo ao mostrar a íntima relação com o assunto, o clique exato para captura do salto, as incontrolláveis expressões e o modo como escolhemos pular para o registro. “Todos esses elementos são distorcidos, possivelmente parodiados, mas todos intensos. Como é o nosso entendimento de como olhamos uma fotografia, visualizamos seus detalhes, deciframos sua mensagem e captamos sua energia para nós mesmos” (SMITH, 2010 – tradução livre).

Estrelas do cinema, teatro e televisão, figuras políticas, escritores, bailarina, entre outros ilustraram as páginas de seu livro. Quatro imagens foram selecionadas para análise do conceito apresentado por Halsman levando em consideração a trajetória desses olímpicos e suas contribuições.

3.1 A BONEQUINHA DE LUXO

A cena¹⁰ de uma moça descendo de um táxi às 5 horas da manhã com vestido preto e óculos grandes observando as vitrines da joalheria Tiffany & Co enquanto toma seu café da manhã é famosa no mundo inteiro. Esta sequência é do filme ‘Bonequinha de luxo’ (1961) e a garota em questão é a atriz Audrey Hepburn (1929-1993) (figura 15).

¹⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=1JfS90u-1g8>



Figura 15 – Audrey Hepburn por Philippe Halsman

A belga, filha de um banqueiro inglês e de uma baronesa holandesa, despontou na indústria cinematográfica como a protagonista de ‘A princesa e o plebeu’ (1953), o qual garantiu sua primeira indicação – e vitória – ao Oscar. Anos antes, Audrey havia trabalhado em produções britânicas e francesas.

A prostituta de luxo Holly de ‘Bonequinha de luxo’ trouxe transformações no cinema e na sociedade americana ao retratar uma mulher que morava sozinha, fazia sexo fora do casamento e virava a noite numa festa. O crítico Luciano Trigo ao comentar sobre o livro ‘Quinta Avenida, 5 da manhã – Audrey Hepburn, Bonequinha de luxo e o surgimento da mulher moderna’, de Sam Wasson, destaca a recusa do autor do livro que inspirou o filme, Truman Capote, na escolha da atriz para o papel de protagonista.

“Apesar de duramente criticada por Truman Capote, o autor do romance que deu origem ao filme, a escolha da delicada e aristocrática Audrey Hepburn para o papel da desmiolada Holly Golightly, praticamente uma garota de programa, foi um dos segredos de seu sucesso. A própria Audrey, que só tinha no currículo papéis bem comportados em *A princesa e o plebeu* e *Sabrina*, vivia um conflito pessoal entre o estrelato e o papel de esposa e mãe (ela tinha dado à luz três semanas antes do início das filmagens). Sua fragilidade e natural elegância tornavam mais palatáveis¹¹ para o espectador comum a ideia de uma heroína independente, sexualmente livre e movida pelos desejos mais fúteis”. (TRIGO, 2011)

Outra característica que o personagem forneceu foi a possibilidade de todos, sem exceção, possuírem *glamour*. De acordo com a própria atriz, bastava o indivíduo possuir estilo, atitude e um tubinho preto.

A atriz se diferenciava de suas colegas por não atender aos padrões da época: não ter o corpo curvilíneo. Audrey era alta, magra e com pés grandes. A figurinista estadunidense Edith Head era responsável por esconder os defeitos das celebridades e realçar aquilo que possuíam de mais belo. Audrey não concordou com isso e decidiu procurar outro estilista. A parceria que desenvolveu com Hubert Givenchy a transformou em mito de elegância. Givenchy é o nome por trás do figurino usado pela celebridade em ‘Bonequinha de luxo’. Apesar de também assinar os modelitos de ‘Sabrina’ (1954), foi Edith quem recebeu o Oscar pelo figurino. Além do vestido e óculos pretos, a piteira, a tiara com diamantes, a calça capri com sapatilhas de balé, os saltos altos e o vestido rosa marcando a cintura são alguns dos trajes que Audrey transformou em ícones (figura 16).

¹¹ Aceitáveis



Figura 16 - Peças do look eternizadas por Audrey Hepburn em 'Bonequinha de luxo/Blog 'My Closet Fashion'

A vida de Audrey foi marcada por dois casamentos, vários abortos e pelo pioneirismo de alguém do meio artístico trabalhar em projetos sociais. Holly Golightly ('Bonequinha de luxo'), princesa Ann ('A princesa e o plebeu'), Sabrina Fairchild ('Sabrina') e Eliza Doolittle ('My fair lady') foram alguns dos papéis que marcaram sua carreira. A atriz ao longo da carreira recebeu dois Oscar, além de ser ganhadora e indicada em outras premiações como Globo de Ouro e Bafta (cinema), Emmy (TV), Grammy (música) e Tony (teatro).

3.2 A LOIRA FATAL

Norma Jeane Mortenson¹² ou, simplesmente, Marilyn Monroe (1926-1962) (figura 17) foi um dos maiores símbolos sexuais do século XX. Sua sensualidade e os inúmeros casamentos e casos amorosos (com o presidente dos Estados Unidos John Kennedy e com seu irmão, Robert Kennedy) alavancaram seu nome.



Figura 17 – Marilyn Monroe por Philippe Halsman

¹² Há divergências sobre seu segundo nome ser Jean ou Jeane. De acordo com o site IMDb, o correto seria Jeane - <http://www.imdb.com/name/nm0000054/bio>

Após iniciar a vida como modelo, Marilyn decide fazer uma repaginada em seu visual e tingi os cabelos de loiros platinados. O novo visual, juntamente com os lábios carnudos, as curvas e os olhos marcados de delineador eternizaram sua imagem.

A atriz é instantaneamente lembrada pela cena de ‘O pecado mora ao lado’ (1955), na qual o vento de escapamento de metrô faz seu vestido branco voar. Em sua filmografia somam-se produções como ‘Torrentes de paixão’ (1953), ‘Os homens preferem as loiras’ (1953), ‘Como agarrar um milionário’ (1953), ‘Nunca fui santa’ (1956), ‘Quanto mais quente melhor’ (1959) e ‘Os desajustados’ (1961). Nestes três últimos, Marilyn quis desvencilhar a sensualidade dos papéis e mostrar seu talento e versatilidade.

Seu estilo influencia atrizes e cantoras da atualidade como Charlize Theron, Christina Aguilera, Madonna, Nicole Kidman, Rihanna e Taylor Swift. A atriz norte-americana Scarlett Johansson também integra a lista e seu físico traz à memória o corpo de Marilyn. Em anúncio de 2012 da marca Dolce e Gabbana, Scarlett aparece semelhante à diva (figura 18).



Figura 18 – Propaganda da Dolce & Gabbana com Scarlett Johansson

Segundo o site ‘Terra’, Marilyn Monroe é uma das artistas que compõe o seleto grupo de ícones da moda.

“Como elas [Audrey Hepburn, Grace Kelly e Jackie Kennedy], a loira mais famosa da história não seguiu tendências. Conhecia seu corpo e sabia o que lhe favorecia. Graças a isso construiu um protótipo de feminilidade que pode ser resumido em dois de seus emblemáticos vestidos. O primeiro deles, um dos mais famosos da história, foi usado no filme *O Pecado Mora ao Lado*. (...) O outro apareceu no filme *Os Homens Preferem as Loiras*, na cena em que canta a famosa canção "Diamonds are a Girl's Best Friend". De um rosa intenso, com um decote matador e um grande laço no final das costas, Marilyn acentuou a sensualidade do modelito com longas luvas no mesmo tom”. (‘Terra’, 2012)

Uma homenagem feita em 2012 à estrela foi a série estadunidense ‘Smash’, estrelada por Anjelica Huston, Jack Davenport e Debra Messing. Os bastidores de um musical biográfico da loira com a disputa de atrizes pelo posto mais alto é o enredo desta obra produzida por Steven Spielberg. Já no cinema, em 2011 chegou às telas ‘Sete dias com Marilyn’, no qual vemos a estrela, interpretada pela atriz

Michelle Williams, conhecendo os prazeres britânicos e mostrando sua ansiedade em fugir dos holofotes de Hollywood e da pressão do trabalho.

3.3 O PIOR PRESIDENTE DOS EUA

Ao posar para as lentes de Halsman, Richard Nixon (1913-1994) (figura 19) era o então vice-presidente dos Estados Unidos. Quase duas décadas depois, seu nome estaria envolvido em um caso de espionagem que sujaria seu nome para sempre.

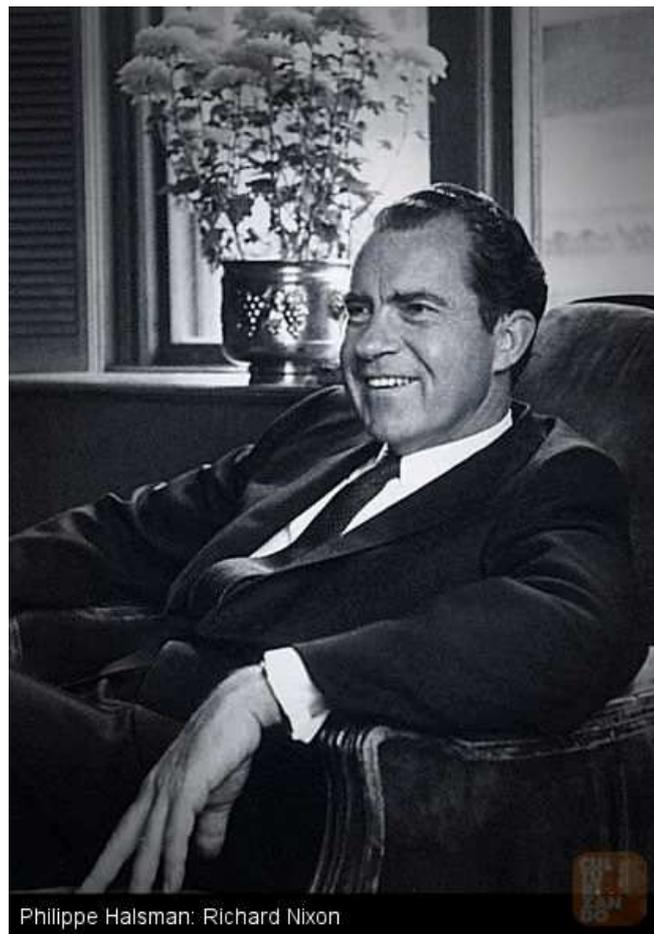


Figura 19 – Richard Nixon por Philippe Halsman

Nascido em uma família protestante, Nixon teve uma formação notável ao graduar-se em Direito pela Universidade de Duke. Trabalhou como advogado e atuou na II Guerra Mundial como capitão-corveta da Marinha. Ao retornar do conflito, ingressou na política e conquistou seu primeiro posto como deputado pelo Partido Republicano. Em 1950, como senador, é convidado para disputar as eleições de 1952 como vice do general Dwight Eisenhower. Os dois são eleitos.

Após sofrer derrota para John Kennedy nas eleições presidenciais de 1960, volta a disputar em 1968 e derrota o democrata Hubert Humphrey. Em 1972 é reeleito no Colégio Eleitoral com 520 votos contra 17 de George McGovern.

Nixon teve êxito tanto em sua política externa quanto interna. Na Guerra do Vietnã, providenciou o regresso dos soldados norte-americanos, estreitou relações com os chineses e debateu sobre a diminuição do arsenal de armas nucleares dos líderes de ambos os pólos da Guerra Fria. Além disso, lutou contra os índices de inflação, criou medidas contra o crime organizado e, em seu governo, o homem chegou à Lua.

Todos os seus feitos foram ofuscados quando cinco homens foram presos ao tentarem fotografar documentos e instalar aparelhos de escuta na sede do Partido Democrata. Cogitou-se que o plano ajudaria em sua campanha de reeleição, hipótese que seu partido negou. Nas investigações, descobriu-se que o presidente tinha conhecimento das operações. Sem saída, em 9 de agosto de 1974, Nixon renuncia ao cargo.

Este episódio, conhecido como Watergate, foi o mote para vários filmes como 'Todos os homens do presidente' (1976) – baseado no livro de jornalistas que cobriram o caso –, a comédia satírica 'Todas as garotas do presidente' (1999) e do

recente 'Frost/Nixon' (2008). Em entrevista ao portal 'G1', o pesquisador americano Richard Reeves comenta sobre a eterna imagem do presidente como vilão.

“Há uma qualidade shakespeariana nele, em sua história, e ele acaba se transformando numa figura dramática que não é exatamente popular, mas que é sempre lembrada. Muitas representações dele o mostram como sendo o mal. É algo que não vai desaparecer, e que atrai muita atenção” ('G1', 2009)

Nixon pode ter manchado seu nome com o escândalo, mas, certamente, não desaparecerá do imaginário dos norte-americanos por toda história que o cerca.

3.4 O SURREALISMO EM PESSOA

A excentricidade marcou a vida e obra de Salvador Dalí (1904-1989) (figura 20). Desde a infância, o espanhol de Catalunha mostrou interesse pelas artes plásticas. Em 1922, ingressou na Academia de Artes de San Fernando, onde fez experimentos com o cubismo e o dadaísmo. No entanto, quatro anos depois, foi expulso da escola, após afirmar que ninguém era capaz de avaliá-lo.



Figura 20 – Salvador Dalí por Philippe Halsman

Com seu cabelo comprido, casacos longos, calças até o joelho, meias altas e laço no pescoço chamava atenção por onde passava. Ainda na década de 20, suas exposições atraíram elogios e debates por parte dos críticos. É nessa época que, inspirado no pintor espanhol Diego Velázquez, deixa seu bigode crescer tornando sua marca registrada.

Realizando trabalhos inspirados nas obras de Pablo Picasso e Juan Miró, Dalí desenvolve seu estilo próprio. Os relógios derretidos na pintura 'A persistência da memória' (figura 21) sugerem a teoria de Einstein, na qual é expresso que o tempo é relativo e não fixo. O elefante e o ovo são outros elementos recorrentes em seu trabalho.

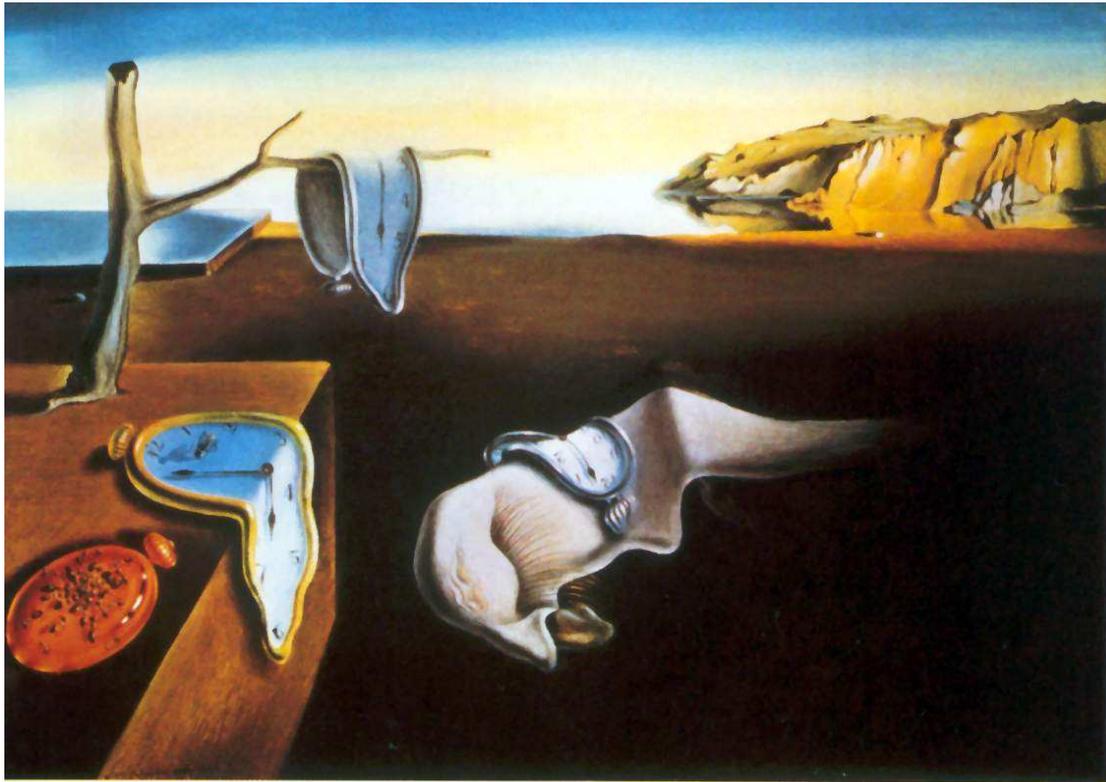


Figura 21 – A persistência da memória por Salvador Dalí

O apoio ao regime ditatorial de Francisco Franco na Espanha fez com que os membros do movimento surrealista o expulsassem. Dalí se declarava “anarco-monárquico”, enquanto que o grupo era a favor das ideias marxistas. Na ocasião, disse que “A única diferença entre Eu e os Surrealistas é que Eu sou o Surrealismo”.

Além da pintura, se envolveu com trabalhos artísticos no cinema, escultura e fotografia que podem ser vistos nas parcerias desenvolvidas com nomes como Alfred Hitchcock, Cecil Beaton, Federico García Lorca, Luis Buñuel, Man Ray, Phillippe Halsman e Walt Disney.

3.5 EXPLICAÇÕES METODOLÓGICAS

Os saltos de Halsman podem, simplesmente, serem encarados como simples saltos. Um intervalo divertido dos momentos sérios e/ou glamourosos que cada personalidade tinha. Mas o próprio fotógrafo, ao revelar o que estava por trás de cada pulo – a verdadeira face – já nos dizia que as imagens “escondiam” uma carga de significados a serviço de cada receptor. O trabalho de análise também ganha importância para que novos conceitos e ideias entrem na vida de cada indivíduo.

Sobre a análise de imagem, Martine Joly apresenta três questões que são resultado do burburinho que a proposta incita.

- O que há a dizer de uma mensagem que, precisamente em virtude da semelhança, parece “naturalmente” legível?
- Uma outra atitude contesta a riqueza de uma mensagem visual através de um repetitivo e inevitável: “O autor quis tudo isso?”
- Uma terceira reticência refere-se à imagem considerada “artística”. Que seria desnaturada pela análise porque a arte não seria de ordem do intelecto, mas do afetivo e do emotivo. (JOLY, 1996 p.41)

Podemos pensar que uma imagem não precisa ser entendida. Tida como cópia fiel da realidade, dispensa conclusões. Somos acostumados a “compreendê-la” desde que adquirimos consciência sobre as diferenças de cores, formas e tamanhos. E o fato do pensamento acerca dela ser universal, reforça esses “achismos”. A autora ainda ressalta que mesmo que haja o reconhecimento, não quer dizer que sejam os significados exatos. Joly enumera que fatores como a alteração das cores, ausência de cheiro, a bidimensionalidade e a falta de profundidade diferenciam a imagem real e a que deveria representá-la.

Devemos assumir o papel de receptores buscando investigar as mensagens transmitidas pelo objeto, levando-se em consideração que não leremos do mesmo modo

que o autor. E, talvez, consigamos chegar além do que o próprio autor quis dizer. O contexto histórico também deve ser objeto de estudo para análise, no entanto, por mais que seja feito um apanhado histórico a “intenção” do autor pode não ser descoberta.

A aura que uma obra possui pode dificultar o trabalho de análise. Avaliando ser desnecessária sua investigação pelo fato de ser fruto de um “pensamento particular, irreduzível ao pensamento verbal” (JOLY, 2006 p.46). Porém, pelo contrário, a prática só tende a aguçar o olhar e a observação.

3.6 REVELANDO AS FOTOS



Figura 22

Personalidade: Audrey Hepburn

Ano: 1955

Audrey pula em um lugar parecido com um jardim com arbustos ao fundo, o gramado no canto direito, a calçada no centro e um degrau no lado esquerdo. A atriz olha diretamente para câmera com expressão de alegria e posicionando seus braços e pernas abertos, lembrando uma criança, como se estivesse livre. E o fato de saltar descalça, deixando as sandálias caídas sem qualquer preocupação de arrumá-las e deixá-las de lado, reforçam essa aura infantil de não importar-se com o momento e, até mesmo, com sua aparência. Seu vestido dá movimento à imagem com a saia esvoaçando de modo que não suba e tenha harmonia.

O enquadramento da imagem destaca o salto. A distância entre o fotógrafo e o objeto é próxima. Mesmo que a modelo seja o objeto central, o fundo também está bem focalizado. Percebemos que, no momento da ampliação, a fotografia pode ter sofrido um corte para que ficasse mais apurada. A iluminação frontal e natural permite, respectivamente, pouca sombra e suavidade.



Figura 23

Personalidade: Marilyn Monroe

Ano: 1955

Com pose desinibida, Marilyn salta com os pés descalços. Não deixa de esbanjar sensualidade com o macacão preto e as posturas de lado evidenciam sua silhueta. Seu rosto está voltado para frente e sua boca aberta exibindo um sorriso

simples que remete a alegria pelo ato. A atriz parece contida pelo modo alinhado em que seus braços e pernas posicionam-se e por suas mãos estarem fechadas. O cabelo e os adereços da foto marcam o movimento e, mesmo que ambos aparentam estar bagunçados, não causam estranheza à foto.

O local da imagem é um ambiente fechado como estúdio, onde é comum o uso da iluminação artificial. A luz frontal produz sombras suaves ao fundo e no chão no lado direito. Mais uma vez, o enquadramento favorece o objeto central e, a distância focal normal.



Figura 24

Personalidade: Richard Nixon

Ano: 1955

O então vice-presidente dos EUA salta com visual social em um ambiente que se assemelha a uma sala de estar, pois vemos um grande armário que está no canto direito e o reflexo de lustre no vidro de suas portas. Com expressão acanhada, Nixon

pula com as pernas juntas, mas, curiosamente, os braços estão um pouco levantados e afastados do corpo. É possível que ele tenha tentado se descontraír mesmo com o cargo que ocupava.

Halsman parece ter escolhido fotografá-lo agachado pelo fato da câmara “pegar” o chão e a inclinação da imagem e Nixon não olhar para o fotógrafo reforçam essa ideia. A iluminação escolhida é a existente, pois o local tem fontes de luz própria como a do lustre. Observamos apenas uma sombra suave do armário. Com o enquadramento escolhido a figura de Nixon não chama a mesma atenção que as imagens anteriores, nas quais os objetos centrais (Audrey e Marilyn) tomam conta do quadro. O lugar escolhido como pano de fundo não é harmônico com o fotografado, não têm equilíbrio entre si, fazendo com que outros elementos distraiam o olhar do espectador.



Figura 25

Personalidade: Salvador Dalí

Ano: 1948

Com toda a sua excentricidade, Dalí salta em meio a gatos, água, cadeira, cavaletes e telas flutuantes. Ele divide a atenção com os outros elementos. O pintor exibe uma expressão eufórica e segura um pincel na mão, como se estivesse tentando pintar pulando. Seu salto tem um quê de sarcástico, pois mesmo não agindo de maneira espalhafatosa, ele parece rir da situação. Um detalhe que podemos observar também é a água: a maneira como se apresenta faz parecer que ela está saindo da tela, no canto direito.

Com o plano geral, Halsman mostra todos os objetos da cena. A luz artificial e frontal cria sombras suaves, com exceção da sombra do cavalete mais próximo de Dalí que tem uma sombra mais dura. O local parece uma sala, pois no canto

direito acima vemos uma parte de prateleira e no canto esquerdo há uma parte elevada na parede.

4 SALTANDO COM HALSMAN

O trabalho prático foi realizado com quatro pessoas ligadas à Comunicação Social e conhecidas do meio. São imagens nas quais buscamos não só evidenciar o salto, mas também a profissão que cada um exerce. Foram selecionados os registros que geraram bons resultados entre a técnica e direção de arte.

A sessão fotográfica foi realizada nos dias 7, 8, 14 e 20 de março de 2013, entre erros e acertos, em locais habituais dos modelos. Os equipamentos utilizados para a captura das imagens foram uma DSLR digital Canon EOS 7D, flash SPEEDLITE XN468-II e tripé.

4.1 AS PERSONALIDADES

Para auxiliar nas sessões fotográficas, foram elaborados *scripts* sobre cada imagem referente à composição das fotos e as escolhas técnicas. Os registros foram elaborados a partir das características de cada modelo para uma melhor produção.

4.1.1 PAULO ROBERTO

- Perfil

Nome: Paulo Roberto Figueira Leal

Profissão: Professor

Tipo: intelectual solícito

Com graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e com Mestrado e Doutorado em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Leal é recorrente para comentar sobre qualquer assunto: desde cultura passando por economia e política. Também é conhecido por sempre cumprimentar a quem encontra pelos corredores da faculdade. Não importa se é, foi ou será aluno dele, o docente faz questão de abraçar e perguntar como está.

- Roteiro

A imagem tentará “captar” essas duas características marcantes do modelo. Por isso, a fotografia será realizada em uma sala de aula, na qual o professor estará saltando em frente ao datashow, o qual exibindo uma frase que expressa as duas áreas de formação, Jornalismo e Ciência Política, com a mão estendida como se estivesse cumprimentando o espectador.

- Direção de arte

O figurino do modelo será o habitual: uma camisa de cores claras e calça jeans. Será necessário um datashow para exibição da frase em questão. A luz utilizada

será a frontal para exibir poucas sombras e o enquadramento destacará o modelo e a frase.

- Ficha técnica

Velocidade: 1/250; diafragma: f3.2; flashes: 1) em modo Slave 1 (S1) 1/16; 2) em modo manual (M) 1/2; ISO: 800

4.1.2 LETÍCIA TORRES

- Perfil

Nome: Letícia Barbosa Torres Americano

Profissão: Professora

Tipo: mãezona

Letícia é conhecida por suas aulas na disciplina de Publicidade e Propaganda na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, na qual os acadêmicos têm contato com o mundo das técnicas de persuasão tanto para “vender” uma ideia quanto um produto. Sempre de bom humor, volta e meia comenta durante as aulas sobre a sua filha Luísa, de 13 anos, mostrando seu orgulho de ser mãe. Assumindo a coordenação do curso, sempre procura ajudar os estudantes em resolver questões evidenciando seu lado maternal de cuidar de todos.

- Roteiro

Na seguinte imagem, a modelo estará pulando no entorno das salas 9, 10 e 11 da faculdade, pois quem olhar trará à memória suas aulas ministradas na sala 10. Estará segurando um objeto que remete à filha, para exibir sua característica marcante.

- Direção de arte

O figurino será roupas confortáveis como um vestido ou calça social e camisa. A modelo estará segurando um objeto que remete à filha como um livro favorito ou uma fotografia da adolescente. O uso da iluminação será frontal e com o enquadramento no salto e no objeto que a modelo estará segurando.

- Ficha técnica

Velocidade: 1/250; diafragma: f3.2; ISO: 800

4.1.3 GUSTAVO BURLA**- Perfil**

Nome: Gustavo Trevizani Burla de Aguiar

Profissão: Professor

Tipo: ousado

Além de lecionar nos cursos de Jornalismo e Publicidade do Centro Superior de Ensino (CES), Burla já participou do Grupo Divulgação (GD) e, em 2012, fez sua estreia com o grupo teatral T.O.C (Teatro Compulsivo Obsessivo) na peça “A vida como ela foi...”, em comemoração dos 100 anos do escritor Nelson Rodrigues.

- Roteiro

Por causa dessa nova empreitada, pensou-se em mostrá-lo no palco com o personagem que encenou. Mesmo sendo sua estreia à frente de um grupo, Burla escolheu interpretar alguém reconhecido em cenário nacional. Foi uma ideia acertada, pois o espetáculo rendeu boas críticas e indicações a prêmios nacionais.

- Direção de arte

O modelo estará com figurino da peça (blusa branca, calça preta e suspensórios). Ao saltar no palco, haverá uma cadeira e mesa ao lado com obras do escritor Nelson Rodrigues fazendo a ligação com o modelo. A iluminação será direcionada para dar um clima teatral. O objeto central estará enquadrado, assim como os livros de Rodrigues.

- Ficha técnica

Velocidade: 1/250; diafragma: f3.2; ISO: 800

4.1.4 MÁRCIA FALABELLA E JOSÉ LUIZ RIBEIRO

- Perfil

Nome: Márcia Cristina Vieira Falabella; José Luiz Ribeiro

Profissão: Professores

Tipo: parceiros

Companheiros no palco e no ensino, Marcinha e Ribeiro vêm trabalhando na formação de jornalistas - através da Faculdade de Comunicação Social - e atores - por meio dos cursos desenvolvidos pelo GD. A partir disso, a fotografia buscará mostrar a relação dos dois que é tão conhecida.

- Roteiro

Para esta imagem, os dois modelos pularão juntos de mãos dadas, olhando um para o outro, mostrando a amizade e o trabalho conjunto no palco, de costas para plateia, pois a presença do público também contribui para seu sucesso.

- Direção de arte

Com trajes comuns, em que o enquadramento estará no motivo central, além de mostrar os fundos com os assentos do palco. A iluminação contínua será central para dar o ar teatral, além de “iluminá-los” evidenciando seu protagonismo/importância.

- Ficha técnica

Velocidade: 1/250; diafragma: f3.2; ISO: 800

4.2 O PULO DE CADA UM



Figura 26

Personalidade: Marcinha e José Luiz

Data: 08/03/13

Local: Forum da Cultura

Ficha técnica: Velocidade: 1/250; diafragma: f/2; ISO: 400.

A espontaneidade e descontração marcaram esse registro. Os modelos estavam animados com o salto e, a professora levou duas máscaras que representam a dualidade do teatro para composição da imagem. No momento da fotografia, pensou-se em fazer a foto com os dois no palco e a câmera no local onde o público fica, ao contrário do que se planejou. O que melhorou o modo como o salto é mostrado. Os braços e pernas levantados mostram a alegria em estar à vontade com o ato. No palco, os dois sugeriram em dar impulsos para o salto perfeito. Isso produziu bons resultados, mas na maioria das vezes, um deles já estava com os pés no chão, enquanto o outro ainda estava no ar. A partir disso, preferiu-se que pulassem juntos em um determinado ponto. Com a iluminação contínua, as sombras em seus rostos dão toque teatral ao grito de Ribeiro e o sorriso de Marcinha. O enquadramento destacou o salto e podemos ver as sombras no chão do palco.



Figura 27

Personalidade: Leticia

Data: 14/03/13

Local: Entorno da Faculdade de Comunicação Social

Ficha técnica: Velocidade: 1/400; diafragma: f2; ISO: 100.

Como pedido a modelo levou o livro favorito da filha e seu retrato. No entanto, como a fotografia seria feita em local aberto, não teria um lugar onde os elementos se encaixassem. Assim, para remeter o bom humor e jovialidade de Letícia, foram feitas bolhas para compor a imagem e também vemos isso no modo como sorri olhando para a câmera. Além disso, a própria modelo confirmou que a escolha do vestido foi com o intuito de reforçar seu tipo. Para dar mais leveza ao salto, foi solicitado que o pulo fosse levemente de lado, o que ajudou na movimentação do vestido. Letícia salta com os braços levantados como se estivesse pegando impulso. Neste caso, não necessitou do uso do flash, a luz foi natural. E o enquadramento e o foco deram destaques ao salto e às bolhas pairando no ar.



Figura 28

Personalidade: Paulo Roberto

Data: 1ª foto – 07/03/13; 2ª foto - 14/03/13

Local: Anfiteatro da Faculdade de Comunicação Social

Ficha técnica: Velocidade: 1/250; diafragma: f3.2; ISO: 400; flash manual (M) 1/8

Na primeira foto realizada, o fotografado mostrou-se acanhado com os pulos, até dando a responsabilidade à fotógrafa para a contagem que antecedia o salto. Foram pulos curtos – mas que dão impressão contrária, por causa de sua altura - nos quais o docente foi direcionado a estar com a mão estendida como se estivesse cumprimentando alguém e, ao mesmo tempo, o livro era lançado no ar. Isso aliado ao fato de estar no meio da plateia são elementos que remetem à sua profissão. Minha inexperiência com iluminação fez com que preferisse a utilização de luz contínua (*spot*) no canto direito para que houvesse harmonia. A escolha permitiu que houvesse apenas sombras das cadeias à direita. O enquadramento favoreceu o salto bem como o livro no ar. No entanto o foco estava no livro, por isso a imagem foi refeita.

No segundo dia, o cenário utilizado foi a sala de aula e a ideia inicial de inserir uma frase que juntasse Comunicação e Política foi escrito no quadro negro, pois seria melhor visualizada. A frase citada foi “A comunicação e a política têm a mesma matéria-prima: relações humanas.” Mais uma vez, o modelo salta e parece flutuar pelo modo em que seus pés aparecem juntos. O gesto de cumprimento é feito mais uma vez para intensificar seu tipo e sua expressão é de certa preocupação em saltar e olhar para câmera ao mesmo tempo. Dessa vez, foi utilizado o flash rebatido na parede, além da iluminação natural da sala. O enquadramento favorece o ambiente de sala de aula com as carteiras com livros posicionadas de forma diagonal.



Figura 29

Personalidade: Gustavo Burla

Data: 1ª foto – 08/03/13; 2ª foto - 20/03/13

Local: Forum da Cultura

Ficha técnica: Velocidade: 1/250; diafragma: f/1.8; ISO: 800; flash manual (M) 1/8

A primeira imagem foi capturada no local tido como teatrinho do Forum da Cultura, no qual tinha diversos quadros de peças teatrais. Não foi possível utilizar o figurino de sua peça por ser uma política do grupo de não usá-lo fora dos palcos. Por isso, pensou-se em fotografar num ambiente com elementos que remetessem ao teatro. O salto de Burla foi algo que transmitiu mais uma vez a arte teatral, lembrando um pouco Charles Chaplin. Também percebemos a comodidade no salto com os braços posicionados na cintura e os pés “brindando” no ar. Com o enquadramento no modelo, utilizamos luz contínua, a qual fez criar sombras no lado esquerdo o que também “marca” a veia teatral do modelo. O presente registro foi refeito por causa do foco e pela pouca iluminação.

A segunda fotografia foi realizada na plateia do Forum da Cultura. Repetindo a pose do primeiro dia, Gustavo imitou a pose de Chaplin com os pés quase se tocando e as mãos na cintura, dessa vez de mãos fechadas. O enquadramento e o foco ressaltou o pulo, deixando as cadeiras como coadjuvantes. Sua expressão está mais fechada, talvez por tentar em se concentrar no pulo e olhar diretamente para câmera. O flash foi rebatido na parede para que os degraus ficassem em contraluz, além da iluminação ser a existente.

5 CONCLUSÃO

Há quem acredite que a fotografia seja apenas o retrato da realidade. Aquilo que o olho vê, a câmera capta com toda gama de fidelidade. No entanto, cada imagem esconde uma história, um contexto que o espectador desconhece. A seleção que ocorre no momento que enquadramos a cena diz muito sobre a ideia que o fotógrafo quer que chegue até nós.

Não demorou muito para que a técnica se tornasse o “brinquedo” de artistas. Daqueles que queriam transmitir toda teatralidade da pintura, criticar, fazer do “esquisito” se transformar em belo ou, até mesmo, revelar a verdadeira face de alguém por meio de um pulo.

Philippe Halsman buscou apresentar o lado desconhecido do público de homens e mulheres que encarnavam papéis de bons, audaciosos, cômicos, inteligentes ou de autoridade – pelo cinema ou pelo título que ostentavam – e que ainda deveriam lidar com as tentativas afoitas de profissionais enlouquecidos em clicar momentos de suas vidas pessoais.

Podemos imaginar a surpresa de cada modelo após o pedido do fotógrafo para saltar. Talvez alguns, diante da desconfiança, tenham dado um pulo acanhado. Outros não se importaram em colocar bastante energia no ato.

As máscaras caíram e exibiram as reais pessoas que eram na intimidade. A intimidade que tanto ansiamos conhecer para tornarmos mais próximos, mais chegados de “deuses” que são tão mortais quanto nós. Descobrimos o quão arteira Audrey podia

ser ou como Nixon era reservado. Mesmo que não quisesse, Marilyn era *sex symbol* sem nenhum esforço, enquanto Dalí exalava sua excentricidade. De igual forma, vimos a teatralidade de Marcinha e José Luiz, a mãezona Letícia, a solicitude de Paulo e a ousadia de Gustavo. Percebemos que esta real pessoa não era tão oculta quanto podíamos imaginar. Mesmo os direcionando, as escolhas que cada um fez com os trajes, adereços e gestos exibe sua própria personalidade que cria admiração e respeito de quem os conhece pelos filmes, livros, nos palcos ou em sala de aula.

O desafio de seguir os passos de Halsman me proporcionou mais conhecimento pelo aparato fotográfico, mesmo sem grande experiência anterior com a fotografia. Poder aprofundar sobre a técnica e examiná-la fez com que a admiração pelo profissional crescesse e despertasse meu interesse no aperfeiçoamento para seguir na profissão.

Sair do comum ao exibir a espontaneidade através do pulo chama atenção pela criatividade e inovação que a rodeia. Halsman transformou algo simples em divertido e belo.

6 REFERÊNCIAS

3, 2, 1 ¡Salta! – La técnica fotográfica Jumpology se pone de moda em las redes sociales. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:17yz9FaQsOwJ:alfonso-lopez.es/2011/02/20/3-2-1-%C2%A1salta-la-tecnica-fotografica-jumpology-se-pone-de-moda-en-las-redes-sociales/+alfonso-lopez.es+3%2C2%2C1+salta&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=es>> Acesso em: 16 de jan de 2013.

A influência das atrizes clássicas. Disponível em: <

<http://ohomemquesabiademasiado.blogspot.com.br/2012/03/influencia-das-actrizes-classicas.html>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

A influência do cinema junto à moda. Disponível em: <

<http://devaneiosregi.blogspot.com.br/2012/03/ao-analisarmos-historicamente-sociedade.html>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

A pulologia de Halsman. Disponível em: <

<http://ipsislitteris.opsblog.org/2009/01/29/a-pulologia-de-halsman/>>. Acesso em: 14 dez. 2012.

AMAR, Pierre-Jean. **História da fotografia.** Lisboa: Edições 70, 2011.

Audrey Hepburn. Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Audrey_Hepburn>.

Acesso em: 16 jan. 2013.

Audrey Hepburn- ícone fashion. Disponível em: <

<http://abcdmoda.blogspot.com.br/2011/03/audrey-hepburn-icone-fashion.html>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

BARTHES, Roland. **A câmara clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BELÉM, Alexandre. Eadweard Muybridge. Disponível em: <

<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/classicos/eadweard-muybridge/>>. Acesso em: 03 abr 2013.

BITTENCOURT Neto, Levy Henrique; PERSICHETTI, Simonetta. Olimpianos pós-modernos: um rápido olhar sobre as fotografias de celebridades. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.6, n.8, o.101-118, jan/jun. 2010.

BUARQUE, Daniel. Biógrafos ‘pintam’ Nixon como o grande vilão da história americana. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1032455-5602,00-BIOGRAFOS+PINTAM+NIXON+COMO+O+GRANDE+VILAO+DA+HISTORIA+AMERICANA.html>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

ELES são como nós – cenas da vida real e comum das celebridades. Quem acontece, Rio de Janeiro, 30 nov. 2012. p.12-14.

FOLTS, James A.; LOVELL, Ronald P.; ZWAHLEN Jr, Fred C. **Manual de Fotografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.

Fotografias de Philippe Halsman. Disponível em: <
<http://cceg.com.br/2011/12/fotografias-de-philippe-halsman/>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

FRAGA, Denise. Clique fatal. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/denisefraga/1190138-clique-fatal.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

HACKING, Julie; CAMPANY, David. **Tudo sobre fotografia.** Rio de Janeiro: Sextante, 2012. p.8-15; 66-67; 82-83; 112-115.

Ícones de moda no cinema (III): Marilyn Monroe. Disponível em: <
<http://www.trendencias.com.br/famosos/icones-de-moda-no-cinema-iii-marilyn-monroe>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

Influência de Marilyn Monroe sobrevive 50 anos após sua morte.
http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2012/08/02/internas_viver,388796/influencia-de-marilyn-monroe-sobrevive-50-anos-apos-sua-morte.shtml. Acesso em: 17 jan. 2013.

Jacques Henri Lartigue – o fotógrafo da alegria. Disponível em <
http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/728_lartigue/>. Acesso em: 03 abr 2013.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas: Papyrus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ática, 1989.

La fotografía del siglo XX - Museo Ludwig, Colonia. Colonia: Taschen. p.222-227, 2007.

Marilyn Monroe. Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/biografias/marilyn-monroe.jhtm>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: volume 1: Neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

Os melhores dos melhores: Philippe Halsman. Disponível em: <
<http://www.lomography.com.br/magazine/lifestyle/2012/04/30/os-melhores-dos-melhores-philippe-halsman>>. Acesso em: 14 dez. 2012.

Os modelos atuais do cocktail dress. Disponível em: <
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG75784-5856-444-1,00.html>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

Philippe Halsman. Disponível em: < http://es.wikipedia.org/wiki/Philippe_Halsman>. Acesso em: 14 dez. 2012.

Philippe Halsman – biografias 6. Disponível em: < <http://ipsislitteris.opsblog.org/2009/01/29/a-pulologia-de-halsman/>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

Philippe Halsman: o criador dos pulinhos na fotografia. Disponível em < <http://revistacriativa.globo.com/Revista/Criativa/0%2C%2CGF83572-17354%2C00-PHILIPPE+HALSMAN+O+CRIADOR+DOS+PULINHOS+NA+FOTOGRAFIA.html#fotogaleria=13>>. Acesso em 13 dez. 2012.

Philippe Halsman Jump. Disponível em: < http://www.laurencemillergallery.com/halsman_jump.html>. Acesso em: 17 jan. 2013.

Relembre a importância de Marilyn Monroe par ao mundo da moda. Disponível em: < <http://moda.terra.com.br/relembre-a-importancia-de-marilyn-monroe-para-o-mundo-da-moda,44a9d2e8ff1f8310VgnVCM300009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

Richard Nixon. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Nixon>. Acesso em: 19 jan. 2013.

Richard Nixon. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/biografias/richard-nixon/>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

Salvador Dalí. Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/biografias/salvador-dali.jhtm>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

Salvador Dalí. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador_Dal%C3%AD>. Acesso em: 19 jan. 2013.

SMITH, Roberta. The joys of jumpology. Disponível em < http://www.nytimes.com/2010/05/24/arts/design/24halsman.html?_r=0>. Acesso em: 15 jan 2013.

TAVARES, Antônio Luís Marques. A fotografia e o seu lugar na arte contemporânea. **Sapiens: revista da História, Patrimônio e Arqueologia.** n.1, p 118-129, jul. 2009.

TRIGO, Luciano. A ‘bonequinha de luxo’ Audrey Hepburn e o novo papel da mulher. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2011/09/25/1034/>>. Acesso em: 16 jan. 2013.

Voando com Lartigue. Disponível em: < <http://www.flanancias.com/voando-com-lartigue>>. Acesso em: 03 abr 2013.

ULBER, Sergio Antonio. Philippe Halsman. Disponível em: < <http://www.revistafotografia.com.br/philippe-halsman/>>. Acesso em: 18 jan. 2013.